

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, resistência e diferenciação social [recurso eletrônico] /
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta
Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-203-6

DOI 10.22533/at.ed.036192803

1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha da sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de

novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

No artigo *A comunidade dos Arturos: existir, resistir, sobrevir*, as autoras, Elenice Martins Barros Castro e Edilene Dias Matos buscam difundir-las, através de festas, ritos e outras manifestações. Nos momentos festivos, sua história é contada por cantos, danças, ritmos dos tambores e dos rituais, que transmitem um legado secular. No artigo **A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCASIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ**, a autora Francisca Thamires Lima de Sousa, busca identificar e analisar as principais implicações socioculturais ocasionadas aos quilombolas que residem na agrovila de Marudá desde a implantação do Centro de Lançamento e as principais transformações espaciais. No artigo **ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO**, a autora ÉLIDA LIMA pretende instigar brevemente a crítica de algumas formas pelas quais efeitos teóricos e afetos cotidianos da branquitude têm suscitado enfrentamentos e transformações no movimento de mulheres brasileiras nos últimos anos, em especial na experiência feminista interseccional. No artigo **AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL**, os autores Liliane da Silva Santos e Diogo Francisco Cruz Monteiro examinam documentos sobre os direitos garantidos aos índios na Constituição de 1988 e averiguar as posições dos juristas sobre a PEC 215 e a tese do marco temporal. Realizamos revisão de literatura, análises de legislações indigenistas, das decisões tomadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre as demarcações de terras indígenas. No artigo **BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA**: contribuições para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, o autor Valcir Bispo Santos busca apresentar alguns elementos que possam contribuir para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, maior cidade da Amazônia Oriental brasileira. A ideia básica é que a elaboração deste plano pode se sustentar em três (3) diretrizes fundamentais: Participação Social, Criatividade e Diversidade Cultural. No artigo **CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS**, os autores Aurionelia Reis Baldez Joice de Oliveira Faria identificar como vem sendo pensada a salvaguarda das culturas populares através do corpo que dança, apontando limiares entre espetacularização nas rodas da cultura e a realidade vivida nas estruturas de poder capitalista. Guiaremos nossa cartografia poética tendo o samba de roda como principal fonte de observação para pensar corpos privados e corpos políticos. A partir das reflexões feitas por Stuart Hall (2013). No artigo **CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS**, os autores, Juliano Batista dos Santos, Jordan Antonio de Souza, José Serafim Bertoloto buscam realizar uma análise teórico-reflexiva sobre a forma como a Antropologia, a Semiótica da Cultura e os Estudos Culturais abordam, estudam e interpretam a cultura. O propósito, todavia, não está reduzido ao entendimento da identidade de cada uma dessas ciências. **DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA** os

autores João Luiz Pereira Domingues, Leandro de Paula Santos, Mariana de Oliveira Silva buscam diagnosticar variações narrativas que forjam novos parâmetros de legitimidade para o tratamento da cultura em nível federal em um processo que se organiza sob dois atos discursivos, nomeados ato fóbico e ato mágico pós-político. No artigo **DO EXCESSO DE IMAGENS AO ESVAZIAMENTO DA MENTE**, a autora Sophia Mídián Bagues dos Santos busca aproximar a teoria semiótica de Peirce da filosofia budista tibetana, partindo da compreensão da contemporaneidade como um fabuloso sistema de signos que nos aprisiona ao Samsara, conceito oriental que pode ser entendido, em última instância, como a civilização da imagem. No artigo **MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR**, o autor Miguel Bonumá Brunet analisa três concepções sobre o conceito de cultura popular, visando a compreendê-las sob a perspectiva da sociologia compreensiva, buscando delinear tipos-ideais balizados nos sentidos intentados pelos atores sociais que praticam ações de produção, difusão e fruição cultural. No artigo **O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO** a autora ALDA FÁTIMA DE SOUZA trata da associação dos diversos e atuais estudos sobre a emissão vocal, que nos permite direcionar nossa voz para a fala ou o canto, com a pesquisa de doutorado em andamento “Reprises Circenses: as bases fundantes e históricas evidentes nos circos brasileiros”. No artigo **O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO**, os autores Amanda Souza Ávila Lobo Auterives Maciel Jr. Milene de Cássia Silveira Gusmão buscam pontuar como o cinema marginal traz um pensamento nômade de máquina de guerra, na medida em que se utiliza de signos que fogem ou que fazem fugir o império dos modelos maiores, entrando em relação com outros domínios moleculares de sensibilidade que transgridem ou propõem transvalorar os valores. No artigo **TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**, os autores Liana Barcelos Porto e Adival José Reinert Junior buscam compreender como o patrimônio cultural e religioso vem sendo trabalhado nas escolas da sede da rede municipal da Cidade de Canguçu RS (Canguçu tem 33 escolas municipais, 6 localizadas na cidade e 27 no interior do município). **TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL**, os autores Allan Hoffmann, Nadja de Carvalho Lamas, Euler Renato Westphal buscam discutir sobre o campo do Patrimônio, principalmente nas categorias de patrimônio cultural, aplicados em um experimento educacional e instalação de Arte&Ciência Trilha da Vida presente na paisagem cultural do bairro da Limeira em Camboriú/SC. No artigo **ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”**, a autora Natacha Muriel López Gallucci, busca discutir e teorizar aspectos éticos da investigação audiovisual na fronteira entre o filme documentário e o denominado “ensaio fílmico” tomando como objeto de reflexão o processo de pesquisa empírica, registro imagético, edição e exibição do curta-metragem Filosofias do corpo no Cariri cearense (2018). No artigo **Cultura, Resistencia e Diferenciação Social**, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Heitor Messias Reimão de Melo, Paulo Rennes Marçal Ribeiro,

buscam analisar na obra Freud, em O mal-estar da civilização, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COMUNIDADE DOS ARTUROS: EXISTIR, RESISTIR, SOBREVIVIR	
<i>Elenice Martins Barros Castro</i>	
<i>Edilene Dias Matos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928031	
CAPÍTULO 2	12
A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCACIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ	
<i>Francisca Thamires Lima de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928032	
CAPÍTULO 3	26
ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO	
<i>Élida Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928033	
CAPÍTULO 4	34
AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL	
<i>Liliane da Silva Santos</i>	
<i>Diogo Francisco Cruz Monteiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928034	
CAPÍTULO 5	48
BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELÉM	
<i>Valcir Bispo Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928035	
CAPÍTULO 6	66
CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS	
<i>Aurionelia Reis Baldez</i>	
<i>Joice de Oliveira Faria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928036	
CAPÍTULO 7	75
CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS	
<i>Juliano Batista dos Santos</i>	
<i>Jordan Antonio de Souza</i>	
<i>José Serafim Bertoloto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928037	

CAPÍTULO 8	91
DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA	
<i>João Luiz Pereira Domingues</i>	
<i>Leandro de Paula Santos</i>	
<i>Mariana de Oliveira Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928038	
CAPÍTULO 9	106
DO EXCESSO DE IMAGENS AO Esvaziamento da Mente	
<i>Sophia Mídan Bagues dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928039	
CAPÍTULO 10	115
MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR	
<i>Miguel Bonumá Brunet</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280310	
CAPÍTULO 11	130
O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO	
<i>Alda Fátima de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280311	
CAPÍTULO 12	138
O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO	
<i>Amanda Souza Ávila Lobo</i>	
<i>Auterives Maciel Jr</i>	
<i>Milene de Cássia Silveira Gusmão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280312	
CAPÍTULO 13	148
TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	
<i>Liana Barcelos Porto</i>	
<i>Adival José Reinert Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280313	
CAPÍTULO 14	155
TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL	
<i>Allan Hoffmann</i>	
<i>Nadja de Carvalho Lamas</i>	
<i>Euler Renato Westphal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280314	
CAPÍTULO 15	166
ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”	
<i>Natacha Muriel López Gallucci</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280315	

CAPÍTULO 16 183

UMA PROPOSTA DE LEITURA DISCURSIVA: RESISTÊNCIA E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.03619280316

SOBRE A ORGANIZADORA..... 194

TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Liana Barcelos Porto

Faculdades Integradas de Ariquemes – liana.
porto@hotmail.com

Adival José Reinert Junior

Faculdades Integradas de Ariquemes – projetos@
ibfpos.com.br

RESUMO: O presente trabalho surgiu da necessidade de compreender como o patrimônio cultural e religioso vem sendo trabalhado nas escolas da sede da rede municipal da Cidade de Canguçu RS (Canguçu tem 33 escolas municipais, 6 localizadas na cidade e 27 no interior do município). Para tanto foram ouvidos seis professores de história dos anos finais do ensino fundamental das escolas situadas na cidade, esse recorte foi feito devido ao tempo dedicado para a pesquisa, bem como para facilitar a logística de deslocamento da pesquisadora. No alto do Cerro dos Borges foi construído o parque turístico (lugar belíssimo, pracinha, bancos, iluminação), com a estátua gigante (a maior existente no Brasil) de Nossa Senhora da Conceição. Todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que trabalham apenas de forma bem superficial sobre o referido santuário, e a isso atribuem a falta de materiais, reconhecem que estes se fazem necessário, salientaram ainda que esse monumento ou mirante como muitos

chamam é um ponto de turismo religioso ainda pouco explorado pelo município como um todo e em especial na educação patrimonial escolar. Pode-se concluir que o trabalho em questão foi bem pertinente, pois além de trazer visibilidade para um santuário tão bonito e de localização geográfica privilegiada, suscitou entre os sujeitos pesquisados uma reflexão das suas práxis indicando novos caminhos metodológicos e assuntos a serem abordados em sua disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural - Santuário – História.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge da necessidade de compreender como o patrimônio cultural religioso vem sendo trabalhado nas escolas municipais de ensino fundamental localizadas na cidade de Canguçu. O artigo se propõe em um primeiro momento a narrar um pouco da história do Parque Turístico Nossa Senhora da Conceição, baseado em pesquisas no acervo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e conversas com devotos dessa mesma instituição religiosa, e em um segundo momento a teorizar e refletir sobre a importância do conhecimento e estudo sobre essa temática patrimonial na sala de aula dos anos finais do ensino fundamental,

especificamente na disciplina de História.

DESENVOLVIMENTO

A ideia da construção do Santuário da Nossa Senhora da Conceição era antiga, porém, a partir do ano 2000 esse projeto começou a ser idealizado de fato, após escolha do local onde seria construído, o local é o Cerro dos Borges, onde por detrás passava a histórica Estrada das Tropas para as charqueadas de Pelotas RS. Essa escolha se deu na presença de grande parte da população e de muitos fiéis que esperavam com alegria a construção tão desejada.

No ano de 2003, Jaime Vargas presidente da paróquia Nossa Senhora da Conceição, deu início a aquisição de recursos financeiros para o início da construção, mas mesmo com todo seu esforço não conseguiu atingir seu objetivo. Formou-se então uma comissão e em consenso esta foi solicitar ajuda ao então prefeito Odilon Mésko, que imediatamente agilizou as prioridades e, junto com a comissão, compareceram ao local escolhido e lá colocaram a pedra fundamental, coube a arquiteta Alice Parode a realização do projeto e esse foi encaminhado e aprovado por unanimidade pela Câmara Municipal de Vereadores. Percebendo a riqueza religiosa e turística do lugar e buscando um acesso mais próximo para aquelas pessoas que desejam subir a pé ao Santuário, foi idealizado também um caminho, com medalhões de concreto que representam cenas da Via Sacra.

Quem construiu a imagem da padroeira do município de Canguçu, foi o desenhista e pintor Vinícius Cassiano, grande artista e fã de Leonardo da Vinci e Salvador Dali. O parque turístico Nossa Senhora da Conceição foi inaugurado no mês de dezembro de 2010, o espaço é bonito, belíssima vista e conta com a visitação de fiéis e turistas.



Mirante Nossa Senhora da Conceição: Imagens tiradas pela autora do artigo

Podemos auferir que o Santuário Nossa Senhora da Conceição é um patrimônio histórico, se considerarmos o que diz Oliveira (2012) quando explica que patrimônio histórico é um conceito bastante utilizado nos dias de hoje, e que este conceito denota algo que por ter um valor a ele atribuído, é deixado para as futuras gerações. Ainda segundo Choay (2006):

... chamar-se-á de monumento tudo que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer com que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. (CHOAY, 2006, p. 18)

Com base nessas referências compreendemos que o Santuário Nossa Senhora da Conceição é um monumento patrimonial cultural, pois lá acontecem manifestações de fé a mais conhecida dessas manifestações é a procissão que ocorre no dia da padroeira do município que se comemora dia 08 de dezembro, além das visitas meramente turísticas.

Pensando nesses importantes aspectos surgiu o interesse de saber se tal patrimônio de valoração social, conforme destaca Oliveira é trabalhado nas aulas da disciplina de história. A maioria dos participantes da pesquisa salientou em suas narrativas que trabalhar o patrimônio cultural local é muito importante, mas que não conseguem operacionalizar isso, por falta de tempo de buscar subsídios sobre esses patrimônios (narraram que falta bibliografia clara e de fácil acesso sobre esses monumentos e patrimônios locais). Falaram também da pressão imposta pelo currículo que este não é articulado com a realidade dos educandos. Sendo assim para Silva (1996, p. 23):

O currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais.

O currículo é um campo permeado de ideologia, cultura e relações de poder. Por ideologia segundo Moreira e Silva (1997, p. 23) pode-se afirmar que esta “é a veiculação de ideias que transmitem uma visão do mundo social vinculada aos interesses dos grupos situados em uma posição de vantagem na organização social”. Ou seja, é um dos modos pelo qual a linguagem produz o mundo social, e, por isso o aspecto ideológico deve ser considerado nos debates sobre currículo. Por esse motivo o currículo se torna um terreno propício para a transformação ou manutenção das relações de poder e, portanto, nas mudanças sociais. Conforme Moreira e Silva (1997, p. 28), “o currículo é um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão”. O currículo escolar tem ação direta ou indireta na formação e desenvolvimento do aluno. Assim, é fácil perceber que a ideologia, cultura e poder nele configurados são determinantes no resultado educacional que se produzirá. Enfim, a elaboração de um currículo é um processo social. Por esses fatores culpar apenas o currículo não é válido é importante pensar que questões sociais estão por detrás desse fato.

METODOLOGIA

A fim de buscar respostas o problema de pesquisa descrito anteriormente, trabalhamos com a abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez que “[...] a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada [...]” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.13), é o enfoque principal dessa abordagem, em que as técnicas de pesquisa são voltadas para “[...] retratar a perspectiva dos participantes” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.13). Nesse sentido, fazemos uso da Entrevista Narrativa proposta por Jovchelovitch; Bauer (2013), que

[...] tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado [...] a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social [...] Sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes [...] (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.93).

Importante salientar que a Entrevista Narrativa não segue uma lógica estruturada, se contrapondo à estrutura pergunta-resposta. Na Entrevista Narrativa, se conta e se ouve as histórias contadas, a partir de uma provocação capaz de estimular o informante a contar a sua história ou histórias que façam parte de seu cotidiano e cultura. Apontamos abaixo, o chamado “paradoxo da narração”, visto como conjunto de procedimentos para estimular o contar histórias durante a entrevista e, ao mesmo tempo, para estimular o informante a continuar narrando.

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais
2. Narração central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar a narração

3. Fases de perguntas	Esperar para os sinais de finalização (“coda”) Somente “Que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes
4. Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo “por quê?”
	Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

Quadro 1

Fonte: Jovchelovitch; Bauer, 2013, p.97.

Em termos de coleta de dados obtidos através das Entrevistas Narrativas, utilizaremos um modelo proposto por Schütze (apud JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013), o qual indica seis momentos para a análise desse tipo de entrevista, considerando como “[...] uma técnica para gerar histórias; ela é aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados [...]” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.105). Os momentos são os que seguem:

[...] transcrição detalhada de alta qualidade do material verbal [...] divisão do texto em material indexado e não indexado [...] O terceiro passo faz uso de todos os componentes indexados do texto para analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo [...] as dimensões não indexadas do texto são investigadas como “análise do conhecimento” [...] O quinto passo compreende o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais. Isto leva ao último passo onde, muitas vezes através de uma derradeira comparação de casos, trajetórias individuais são colocadas dentro do contexto e semelhanças são estabelecidas. Este processo permite a identificação de trajetórias coletivas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p.106-107).

A partir desses momentos indicados por Schütze, foi possível alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, especialmente a compreensão das narrativas que emergem do processo de verbalização dos professores de história dos finais do ensino fundamental das escolas municipais situadas na cidade de Canguçu.

A aplicação das entrevistas narrativas foi um processo muito significativo, pois através de uma conversa aberta se vai construindo respostas e novas questões a cerca do tema pesquisado. Os professores pesquisados se mostraram interessados em participar do trabalho, ficaram pensativos nas questões que propunham reflexão sobre

suas práticas o que a meu ver parece algo muito bom. Desabafaram que gostariam de trabalhar conteúdos que avaliam importantes, bem como, temas locais e regionais, mas que o currículo engessa muitas dessas práticas. Cobrando desses profissionais conteúdos nada significativos e de acordo com a realidade cultural e social dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível finalizar esse trabalho dizendo que a questão de pesquisa foi bem pertinente e instigadora, pois teve a oportunidade de trazer visibilidade para um monumento cultural religioso tão bonito e de localização geográfica privilegiada que é o Santuário Nossa Senhora da Conceição, bem como, suscitou entre os sujeitos pesquisados uma reflexão sobre as suas práticas pedagógicas, indicando assim novos caminhos metodológicos, pontos de relevância para estudo e assuntos a serem abordados em sua disciplina.

Acreditamos que, em termos de inovação, este trabalho poderá trazer a compreensão de que as narrativas docentes que emergem do processo de contação das práticas pedagógicas e assuntos trabalhados em aula, são instrumentos de grande valia para a compressão do processo educativo. Narrativas podem ser consideradas textos culturais, à medida que contribuem para o processo de transmissão da cultura, saberes e experiências acumulados.

Esperamos também que esse trabalho possa ser um sinalizador, não só para os docentes da disciplina de história, mas também para professores de outras áreas e níveis de ensino de o quanto é importante valorizarmos os patrimônios culturais e religiosos dos nossos municípios bem como, conhecer a história e o potencial desses monumentos, para incentivar os discentes ao conhecimento, preservação e valorização destes. Acreditamos que desta pesquisa, poderão surgir novos trabalhos e produções sobre o tema, lembrando que sobre o Santuário Nossa Senhora da Conceição não existia nenhum artigo acadêmico sobre ele.

REFERÊNCIAS

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**; tradução de Luciano Vieira Machado. 3 ed. São Paulo: Unesp, 2006.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 11ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 90-113.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

OLIVEIRA, Regina Soares. Vanusia Lopes de Almeida. Márcio Rogério de Oliveira Cano, coordenador.

História. São Paulo: Bucler, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identities terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política.** Petrópolis: Vozes, 1996.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-203-6



9 788572 472036